

FCPF

#62

Magazine



ANTEVISÃO
PAÇOSXBOAVISTA

EDITORIAL

NÚMERO 62
JANEIRO 2021

TEXTOS:
Sara Alves

FOTOS:
Telmo Mendes
SAPO Desporto
Mais Futebol

DESIGN:
Liff

IMPRESSÃO:
PaçoPrint

TIRAGEM:
1000

SEGUIE O PAÇOS



FC Paços de Ferreira
Rua do Estádio, 95
4590-571, Paços de Ferreira

WWW.FCPF.PT

FCPF Magazine

O encontro da passada jornada da I Liga, em Famalicão, marcou o início da segunda volta do campeonato. A fase decisiva da competição começou com um importante empate, que ajudou a manter a aura positiva que tem acompanhado o mister César Peixoto desde que assumiu o comando técnico da equipa. Esse período corresponde aos últimos quatro jogos do campeonato, onde os Castores conquistaram sete pontos e apenas perderam na deslocação ao Estádio da Luz e com “especiais” condicionantes à equipa. Para além dos preciosos pontos conquistados com as vitórias sobre Tondela e Santa Clara e o empate em Famalicão, o conjunto também garantiu duas partidas sem sofrer golos, sinal de que as ideias da equipa técnica já estão transpostas para o jogo.

A segunda volta do campeonato continuará certamente a ser dura, pois há um equilíbrio muito grande entre todos os competidores e amealhar os pontos o quanto antes é essencial para se garantir uma ponta final tranquila. É com esse espírito de vitória que será encarado o desafio desta noite ante o Boavista FC. Por tradição, é um jogo de elevado grau de dificuldade e o confronto da primeira volta comprovou isso mesmo. Acreditamos que o bom momento da equipa vai ser prolongado e que os atletas vão continuar a dar uma boa resposta a cada desafio que terão pela frente. Aligeiradas as medidas de acesso dos adeptos aos Estádios, espera-se também que sejam estes - em elevado número - a dar o mote com o apoio constante à equipa, ajudando-a a transcender-se para vencer o primeiro dos 16 obstáculos que ainda terá pela frente.

A entrevista desta edição da «FCPF Magazine» é com Antunes, um atleta com um grande passado no Clube e que tem sabido cimentar essa importância também no presente. A sua experiência, aliada à ambição que ainda demonstra em campo, tem sido fundamental para transmitir aos mais novos a mística que nos diferencia. Antunes vai na sua terceira passagem pelo Paços e mantém intactas as qualidades profissionais que o fizeram despontar há quinze anos, sendo interessante ler as suas ideias nesta fase importante da época.

A formação prossegue o seu trabalho positivo na criação de atletas para servir o futebol profissional. Na última semana foram oito os jovens dos Sub19 que tiveram a oportunidade de treinar com a equipa sénior. Uma excelente forma de avaliar as suas capacidades e prepará-los para a exigência do futebol profissional.

O futebol feminino de formação está a dar os primeiros passos no Clube. Acompanhamos esta época de estreia e a satisfação pela rápida evolução sentida perante um desafio novo para as jovens atletas.

Boa leitura e força Paços!

PAULO GONCALVES
SECRETÁRIO TÉCNICO

ANTUNES

"O CLUBE SEMPRE ME DEU TUDO"

Já dizia o ditado: não há duas sem três – e Antunes, certamente, concorda. A sua terceira passagem pela Mata Real contrasta com a do “menino” que se estreava na Primeira Liga ou com a do atleta que procurava relançar a carreira e mostrar aos outros e a si mesmo que tinha ainda muito para dar, mas há algo que permanece: a gratidão, a entrega e o reconhecimento de quem sempre esteve do seu lado. Abra-se o livro das histórias de uma carreira.

Há quem diga que não se deve voltar aos lugares onde já fomos felizes. Queres dizer algo a quem pensa assim?

Cada um tem a sua ideia, mas não sou defensor dessa nem na vida, nem na profissão. No Paços fui feliz uma vez, fui feliz na segunda vez, estou a ser feliz na terceira, por isso não faz grande sentido, do meu ponto de vista. O meu conselho? Viver o momento e tomar as decisões que cada um pensa serem as melhores para si – seja voltar onde fomos felizes ou ir para outros destinos.

E o curioso é que as tuas passagens coincidem com momentos europeus do clube.

Foi no Paços que me estreei na Primeira Liga, e logo no meu primeiro ano entramos na história do clube ao atingirmos pela primeira vez a Europa. Anos depois regresssei, e, curiosamente, voltamos à Europa com a Champions. Mas, apesar de ter conseguido essas qualificações, nunca cheguei a jogá-las pelo Paços, só nesta terceira vez. Fiquei contente. Ainda que não tenha sido uma conquista minha, mas sim dos colegas do ano passado, é



sempre o Paços de Ferreira, e poder representá-lo na Europa tem um significado especial.

Imaginavas que ainda ia haver uma terceira passagem por aqui?

Apesar de ter andado no estrangeiro e depois ter voltado a Portugal, para o Sporting, sempre imaginei um regresso ao Paços. Mesmo não sendo o meu clube da formação, é um dos clubes mais importantes da minha carreira – ou o mais importante –, porque foi o que me deu a oportunidade de me mostrar verdadeiramente ao mundo do futebol. É que, quer queiramos quer não, na formação nunca temos a visibilidade que temos na Primeira Liga. Sim, os clubes formam-nos, mas a visibilidade vem depois, e eu atingi-a no Paços. Foi o clube que me deu essa oportunidade, então sempre tive em mente voltar, fosse como jogador ou com outra atividade qualquer, pois é um clube muito especial para mim

Joma

4 ENTREVISTA ANTUNES

e pelo qual tenho um afeto muito grande. Sempre me trataram de maneira excepcional e eu sempre tentei devolver da melhor forma esse trato que me têm dado.

O que é que te levou a voltar?

Depois de uma lesão no joelho e de ter acabado o contrato com o Getafe, apareceu a oportunidade de assinar pelo Sporting e assim foi. No entanto, não estava a ter o tempo de jogo que desejava ou que muitas das vezes me tinham prometido antes da assinatura, e achei melhor sair para um clube onde tivesse, pelo menos, mais hipóteses de lutar por um lugar. Era isso que eu não sentia durante a semana. Independentemente de treinar bem ou não, de estar bem ou não, de jogar bem ou não quando era chamado, sabia que no fim de semana não ia jogar. Precisava de me sentir outra vez revitalizado e valorizado pelo meu trabalho. Precisava, pelo menos, de ter a sensação de que poderia ter uma hipótese de jogar. Depois da lesão no joelho, era muito importante sentir, principalmente, que não estava acabado para o futebol.

Temeste que podias não conseguir voltar a jogar no nível que desejavas? Também pela questão da idade, por exemplo.

Aquele estava a ser um dos melhores anos da minha carreira, apesar de ter 32 anos. Foi o ano em que fui incluído no melhor onze

da liga espanhola, com jogadores muito acima do meu valor, do Real, Barcelona... E num jogo aquilo aconteceu e, obviamente, passaram-me milhares de coisas pela cabeça, pela idade que eu tinha, pelo momento que eu estava a atravessar antes da lesão e pelo que poderia vir a seguir à lesão. Sendo uma lesão grave, depende sempre de muita coisa – como corre a operação, como é que o nosso corpo aceita a recuperação... uma série de coisas que não controlamos. Mas a verdade é que também fui muito persistente e focado naquilo que eu queria. E se não conseguisse voltar ao mesmo nível em que estava – e há que ser coerente, ainda falta para atingir isso – queria pelo menos sentir-me bem fisicamente e sem qualquer problema no joelho para poder jogar mais alguns anos e poder decidir quando abandonar. Ainda me falta um bocadinho, mas a idade também já não é a mesma. Pelo menos

sinto-me vivo e capaz para jogar mais três ou quatro anos – e isso é um objetivo cumprido que me deixa bastante contente.

E nesta temporada já levas mais jogos do que nas duas anteriores juntas. É um sinal muito positivo.

Sem dúvida alguma. Foram dois anos e meio sem jogar regularmente, dos quais nove meses foram sem tocar na bola, a não ser para certas fases da recuperação. É bastante tempo! E eu precisava mesmo de saber como estavam as coisas, porque durante esse período a jogar menos sentia sempre problemas físicos – não no joelho, mas devido à falta de ritmo e de controlo do joelho. Quando tentas direcionar uma recuperação para o joelho, se calhar sofres noutros sítios e acabei por ter várias lesões musculares. Tinha tido uma lesão muscular durante a carreira toda, e, depois disto, tive sete seguidas. Então precisava



Norte Car

automóveis



ESTA É A 3.ª PASSAGEM DE ANTUNES PELO PAÇOS E TODAS FORAM MARCADAS PELO SELO EUROPEU

mesmo de perceber isso, não só como estava o joelho, mas também se o meu corpo estava preparado para isto que estou a viver agora. Tenho vindo a jogar todos os fins de semana, sem qualquer problema. E estou contente, obviamente, porque depois da lesão e dessas pequenas lesões musculares não esperava. Sabia que trabalhava muito para poder estar preparado, mas pensei que ia ter mais problemas do que aqueles que estou a ter.

É o que é que mais te surpreendeu nesta chegada? Mudou muita coisa desde 2012/2013.

Antes equipávamo-nos debaixo da bancada central, nos pequenos balneários. Éramos um plantel mais alargado, mais de 30, e tínhamos de entrar todos ali. Tínhamos um ginásio minúsculo e umas banheiras de água fria com uma casa de banho. [Risos] Mas, fora isso, tínhamos todas as condições que a direção nos dava para podermos ter os melhores resultados ao fim de semana, tal como agora. Nunca falharam com nada, cumpriram sempre todas as promessas. E quando cheguei este ano, vi uma realidade totalmente diferente. Temos 1001 salas, balneários enormes, um ginásio muito grande, refeitório, quartos para descansar antes dos jogos, duas bancadas espetaculares com camarotes incríveis, dois campos de treino... Houve uma evolução muito grande ao longo dos anos, e isso é fruto da boa organização que sempre tiveram, de nunca dar passos maiores

que as pernas. Isso é de louvar, porque há poucos clubes assim na liga portuguesa e mesmo no estrangeiro.

Apesar de todas essas mudanças ao nível das infraestruturas, há coisas que permanecem tal como estavam nessas épocas anteriores? O ambiente familiar, as relações...

Sem dúvida alguma, até porque a única coisa que mudou foram os presidentes, mas o presidente atual era diretor na altura, e pelo menos o bloco forte manteve-se. Sente-se que o Paços é um clube familiar. Seja quem for que venha adora estar aqui, porque criamos um ambiente que não há noutros clubes. Temos jogadores que chegaram este ano, que adoram isto e dizem que gostariam de ficar aqui para sempre, se não fosse para dar um salto maior, porque nunca viveram coisa igual. Fazemos muito convívios, brincadeiras, e mesmo a relação que há entre presidente, jogadores, fisioterapeutas, roupeiros é única – acho que toda a gente se trata quase da mesma maneira e não há grande diferença. Obviamente que há o presidente, mas também brincamos com ele, há uma amizade, não é só trabalho. E isso também faz a diferença.

O mês de dezembro reservou mudanças na equipa técnica. O que trouxe o mister César Peixoto?

Troux novas ideias, um sistema e uma forma de



BRITO

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972



pensar o jogo diferente, como é normal – cada treinador tem a sua filosofia e a sua ideia de jogo montada e todas elas são respeitadas. Mas o mister César Peixoto trouxe mais liberdade do ponto de vista técnico, e se calhar tático também, e deu confiança à equipa. Muitas das vezes não é preciso fazer grande coisa: basta dar confiança aos jogadores, que é o que alguns precisam, e as coisas acabam por sair naturalmente. O mister gosta muito de uma equipa que joga a bola, e sabia que esta equipa tem qualidade para o fazer. Tem montado uma equipa que aos poucos está a entrar na ideia de jogo que ele quer, e penso que toda a gente está contente com isso, o que é meio caminho andado para o sucesso.

É natural de Freamunde e fizeste toda a tua formação lá. Dada a rivalidade, como é que foi vista a tua vinda para o Paços, na altura?

Não foi fácil para muitas pessoas e eu sentia isso. Saí do Freamunde após rescindir contrato e pagar a cláusula, no final da época, numa altura em que não me estavam a tratar muito bem. Tinha muitos clubes interessados e acabavam por não me deixar jogar nem me deixar sair. Depois, decidi vir para o Paços de Ferreira, porque era um dos clubes interessados, eu não queria sair de perto da minha família e também já conhecia o treinador José Mota. Ele falava muitas vezes comigo e ia ver muitos jogos dos juniores do Freamunde, então já me mandava flores para eu vir para cá. [Risos] Nesse momento, fui um bocadinho visto como a maçã podre e o traidor, mesmo por algumas pessoas que eram amigas e passaram a ser maldizentes, digamos assim. Mas nunca me deixei afetar muito por isso, e quando cá cheguei senti-me como se fosse da casa já há muitos anos. Não comecei como titular, mas entrava em quase todos os jogos e sentia o apoio incondicional de todos os adeptos, mesmo tendo vindo do rival – e isso foi uma coisa que me marcou muito. Agora, sou pacense, posso dizer mesmo de boca cheia. Não deixei de ser freamundense, mas sou pacense também.

E quando assumes a titularidade, mais ou menos em dezembro, não aargas mais, marcas três golos (Braga, Boavista e Porto)... Foi a melhor estreia possível na Primeira Liga?

Na altura, o Fredy teve um toque físico e eu estreei-me como titular no jogo com o Leiria. Entretanto ele volta, mas o José Mota mantém-me na equipa, porque fiz um bom jogo. O Fredy sai depois em janeiro. Era um jogador incrível, que me estava a ensinar muito durante esse período. Curiosamente, quando antes entrava era quase sempre para o meio-campo. Aprendi muito com o Fredy, o Paulo Sousa, o Geraldo, o Luiz Carlos, o Mangualde, o Pedrinha, mas normalmente focava-me no jogador da minha posição. Quando não jogava, tentava aprender as movimentações que eles faziam e tirava proveito para a minha evolução.

E o Fredy foi importante nesse sentido. Nunca foi uma pessoa de grandes relações comigo, mas tirei todo o proveito que podia do jogo dele. Portanto, acabou por ser um jogador importante para mim e essa, claro, foi uma das épocas mais importantes da minha carreira. A partir daí, fiz uns sete meses impecáveis.

E terminou com a cereja no topo do bolo, em Aveiro, ao garantirem a primeira presença do Paços nas competições europeias. Conseguiram perceber logo a dimensão desse feito?

Sim, porque falávamos disso todos os dias, no balneário. Se calhar eu, o Coelho, o Paulo Sousa, o Tiago Valente sentíamos mais isso do que os outros jogadores, porque éramos daqui, saíamos à rua e toda a gente falava disso. Tínhamos a noção do que era o clube antes dessa ida à Europa e do que poderia vir a ser depois. Era um feito inédito que ia ficar para a história do Paços em todos os sentidos – não só por jogar naquele ano na Europa, mas pela evolução que o clube teve durante estes anos todos. Acho que foi um ponto muito importante na sua reestruturação. A partir daí, houve mais apuramentos para a Liga Europa, uma final da Taça, a Champions, e houve a mudança incrível nas infraestruturas. Obviamente que ia ter de haver uma mudança com o passar dos anos, era inevitável, mas, do meu ponto de vista, se não fossem esses pontinhos extra que teve pelo caminho, poderia não ter sido uma mudança tão grande como teve.

Na época seguinte, és transferido para a AS Roma, onde conquistaste uma Taça de Itália, uma Supertaça, um segundo lugar no campeonato... Foi a tua primeira experiência fora de Portugal. Como é que foi essa mudança?

Antes de assinar pela Roma, tinha um pré-contrato assinado com a Juventus, só que nesse acordo eu iria jogar na equipa B durante um ano e os restantes iriam depender do rendimento. Depois de o assinar, apareceu a Roma, que fez uma proposta muito

aliciante: ficar diretamente na equipa, inscrito na Liga dos Campeões, sendo uma aposta do treinador para o futuro. Acabei por ir para a Roma e foi incrível! Sair do Freamunde, ir para o Paços de Ferreira e, no espaço de um ano e meio, já estar na Serie A a jogar com Totti, Panucci, Cichinho... era uma realidade totalmente diferente. Mas foi muito bom na minha aprendizagem, apesar de não ter sido aquilo que eu tinha em mente para o meu futuro – porque se as coisas tivessem sido diferentes, se a aposta nos jovens fosse outra lá em Itália ou tivesse tido a sorte de o treinador que me veio buscar não ter ido embora, se calhar a minha carreira teria sido diferente lá naquele sítio. Mas aprendi e evolui muito como defesa. Em Itália são conhecidos como os defensores da tática, então isso para a minha evolução foi ainda mais incrível e ajudou-me imenso.

É daquelas experiências que jamais se esquecem, ainda por cima sendo tão jovem.

Foi a minha primeira saída de casa, sozinho, e foi incrível, porque é uma realidade totalmente diferente. Jogar num estádio com 80.000 pessoas, sair do centro de estágio com centenas e centenas de pessoas cá fora à tua espera para tirar uma fotografia ou pedir um autógrafa, adeptos a acompanhar o autocarro até ao estádio... coisas que não se veem aqui, nem nos três "grandes". Mas depois também tem as coisas negativas, quando há momentos menos positivos – como no segundo ano, em que tivemos de ficar um mês e meio fechados no centro de estágio, porque não ganhávamos. Foi uma fase negra, os adeptos contestavam todas as noites, lançavam petardos, não nos deixavam dormir nem descansar, ameaçavam também ir às nossas famílias... O que eles queriam era arrancar a nossa raiva, digamos assim, ou então arrancar a nossa ambição para irmos buscar pontos a qualquer sítio. E naquela altura não estávamos a conseguir. Tivemos quatro derrotas seguidas e tivemos de ficar um mês e meio lá fechados. Depois conseguimos duas vitórias consecutivas e à terceira saímos e as



Tintinhas®

coisas acalmaram um bocadinho, embora não de forma estável. Havia sempre algum cuidado. Lá está, tens os extremos.

Roma, Lecce, Leixões, Livorno, Panionios e Paços, novamente. Porquê?

Dos seis anos de contrato assinados com a Roma, só tirei proveito de ano e meio, porque no segundo fui emprestado ao Lecce, joguei nos primeiros seis meses e parei, devido a uma operação ao braço. E depois, com a troca de treinador, andei de empréstimo em empréstimo, e quando não era emprestado, ficava sem jogar. Quando ainda faltavam dois anos de contrato, cheguei inclusive a treinar à parte, com o mister Luis Enrique, sem qualquer motivo, sem me conhecer. Nunca falei com ele e ele nunca quis falar comigo, tomou logo a decisão de me pôr a treinar em horários diferentes do resto do plantel. Isto até janeiro, quando apareceu o Panionios e fui emprestado. Acabando esse empréstimo, ainda me restava mais um ano de contrato lá, mas eu não queria voltar. Então, nas férias vim para casa e encontrei três diretores num café que me perguntaram se eu não queria vir de novo – mal eles sabiam que eu já estava a negociar com a Roma a minha saída. Até que rescindi e assinei de novo pelo Paços. É preciso ter coragem para sair da Roma e voltar ao ponto de início, mas eu sabia que pelo menos

ia sentir-me em casa, podendo ser outra vez a minha rampa de lançamento. E foi.

Mais uma época incrível e mais uma venda – para o Málaga. Continuaste a acompanhar a época do Paços, para ver se conseguiriam mesmo o terceiro lugar?

Mesmo tendo ido para o Málaga em janeiro, sempre que vinha a casa vinha ver o Paços. Lembrome de ir ver também o jogo com o Porto, na última jornada. Até fizeram estágio em Freamunde e eu estive lá com eles, porque já tinha terminado a minha época. E acompanhei, obviamente, porque era a minha equipa. Quando saí, já estávamos nos lugares de Champions e queria muito que terminassem aí, porque também eu ficaria marcado nesse grupo. Fui acompanhando a evolução até ao fim, com aquele bichinho de puder estar presente nos festejos, mas depois não consegui, porque o objetivo foi conseguido antes da última jornada e ainda bem! Não tiveram de sofrer até à última.

Chegas depois ao Dynamo Kyiv, onde ganhas todas as provas internas.

Foi uma experiência diferente. Eles têm tudo. Ofereceram-me condições incríveis, irrecusáveis, e para mim foi bom, porque fiz parte de um grande grupo. Fizemos anos muito bons, tanto internamente como nas

competições europeias. Para mim foi bom nesse contexto, mas extrafutebol foi péssimo, porque estava sozinho. A minha família estava lá, mas como o meu filho ia começar a escola obrigatória e não havia colégios internacionais, tiveram de voltar para Portugal. Ao fim do terceiro ano a viver sozinho, tive de pedir para sair e arranjei clube em Espanha, porque não aguentava mais, apesar de me faltarem mais dois anos.

E antes do regresso a Portugal, onde conquistas o campeonato nacional pelo Sporting, tens essa passagem pelo Getafe. Uma carreira cheia!

Não me queixo da carreira que tive, apesar dos momentos em que não joguei muito, das lesões... Isso faz parte. Nós vamos cair muitas vezes, mas depende de nós levantarmos ou não. A carreira que eu tive, incluindo a seleção nacional, penso que seria impensável para um miúdo que começou a formação no Freamunde. Com todo o respeito, é difícilimo sair de lá um jogador e ter a carreira que eu tive, ainda mais nos dias de hoje. Para mim, aquilo que consegui é motivo de orgulho, pela persistência, trabalho, dedicação, horas perdidas e sacrifícios feitos. Ganhei muito, é verdade – não tinha nada e conquistei o mundo,

MCOUTINHO

digamos assim –, mas também sofri muito para conquistar. Obviamente que também tive alguma sorte pelo meio, porque só com trabalho nem sempre conseguimos, mas é um motivo de orgulho para mim e para a minha família e só posso estar contente com aquilo que consegui.

Um desafio: escolhe uma palavra para definir cada um dos campeonatos por onde passaste.

Português: oportunidade. Italiano: estratégia. Grego: abandonado. Espanhol: perfeito. Ucraniano: é um bocadinho à imagem do clima, frio.

E de entre tantos clubes, de campeonatos tão distintos, destaca dois momentos.

Destacaria o meu primeiro regresso ao Paços. Tentei reiniciar a minha carreira e acho que foi o ponto chave dela a partir daí. Quando regresssei, muita gente pensava que eu já não ia voltar mais ao patamar a que tinha chegado tão rapidamente com 18 anos. Arrisquei muito ao voltar, mas eu só tinha mais um clube em Portugal que me queria – o Moreirense –, o que não deixa ser inacreditável: um jogador internacional, que vinha da Roma e só tinha dois clubes interessados. Foi a mudança de chip para voltar a ter a garra e ambição de querer chegar outra vez lá em cima, e ter a paixão pelo futebol que se calhar tinha perdido nos anos anteriores. O outro momento é o da lesão, porque eu sei o que estava à minha espera antes disso, sei o que já estava planeado e preparado para o meu futuro. E depois daquele dia ficou totalmente diferente. Não é que tivesse sido pior, porque acabei por conseguir na mesma ser campeão nacional em Portugal e agora estou feliz aqui no Paços, mas teria sido diferente, e ainda iria ser muito mais falado do que aquilo que tenho vindo a ser. Mas, lá está, a carreira é construída por momentos bons e maus, de felicidade e superação, e não me queixo, estou feliz. Tive azar, porque poderia ter sido de outra maneira, mas estou feliz, porque soube dar a volta à situação e hoje estou aqui outra vez para dar o melhor de mim, que é jogar à bola e dar tudo por este clube.

Não podemos esquecer a seleção nacional. Depois de presenças nos campeonatos europeus e mundiais na base, faltou acontecer o mesmo pela seleção AA. A não convocatória para o Mundial 2014 foi o momento que mais custou?

Acho que fui dos jogadores mais injustiçados da

seleção. Talvez porque nunca tivesse tido o tal empresário que me desse aquele empurrãozinho que muitos têm e que se calhar é preciso. Mas acho isso, porque sempre fui a todas as convocatórias, quando não jogava aquele que diziam ser o titular, jogava eu – inclusive nos jogos mais importantes da seleção e principalmente nesse ano de qualificação para o Mundial. No play-off contra a Suécia, joguei eu, no último amigável da seleção antes do Mundial, joguei eu e na convocatória final acabei por ficar de fora... Eu dirijo-me diretamente a esse ano, mas para mim há mais anos. Falo desse diretamente porque a meu ver foi o mais flagrante de todos. Fiquei de fora e levaram três defesas direitos e só um defesa esquerdo. Fiz parte do grupo durante esses dois anos de qualificação, fiz o play-off, e no final não fui convocado. Fiquei muito triste, fui apanhado de surpresa – eu e toda a gente. No final da convocatória, os jornalistas ligaram-me para fazer entrevista e saberem como eu estava, mas eu não quis falar com ninguém na altura, e falei passado uma semana ou duas. E o mais estranho de tudo é que depois do Mundial, na primeira convocatória para o apuramento para o Europeu, com o mesmo treinador, fui convocado e joguei. Ou seja, isso é uma contradição tão grande que dá a entender “eu errei e vou dar a cara”. Foi aquilo que me ficou mais “entalado”.

O que é que ainda se pode esperar do Antunes?

Muita coisa, se me sentir fisicamente e, principalmente, psicologicamente preparado para continuar a jogar e defender as cores do Paços – porque o principal é sentir-me bem, obviamente, mas também sentir-me preparado para dar algo à equipa. A partir do momento em que me sentir incapaz de dar algo positivo, serei o primeiro a dizer que não quero jogar mais e tomarei outro rumo na minha carreira. Mas estando disponível, o que podem esperar de mim é máxima entrega para com o clube, porque sempre me deu tudo e a única forma que tenho de agradecer isso é dar o máximo de mim. Sei que muitas vezes não vou conseguir dar o que quero, mas nem toda a gente consegue dar aquilo que quer, mesmo no trabalho comum... No entanto, sei que da minha parte tudo farei para compensar todos os esforços, sabendo que também já dei muito a este clube. Só posso dar o máximo!

PAÇOS**BOAVISTA**

Ano de fundação
1 de agosto de 1903

Presidente
Vitor Murta

Treinador
Petit

Estádio
Bessa Sec. XXI
28263 lugares

As últimas temporadas:
2020/2021:
Liga NOS - 13.º lugar
36 pontos

2019/2020:
Liga NOS - 12.º lugar
39 pontos

Depois da derrota com o SL Benfica e do empate com o FC Famalicão – ambos fora de portas – os Castores esperam voltar aos triunfos neste regresso a casa. FC Paços de Ferreira e Boavista FC chegam à Mata Real com os mesmos pontos, antevedo-se, assim, um encontro muito disputado.



Castores e Panteras têm esta noite o 35º encontro oficial, desde 1991/1992 – e dos 34 já realizados, só um deles foi noutra prova que não o campeonato (referência feita à partida da Allianz CUP desta época). A primeira vez que se defrontaram na Mata Real foi a 18 de abril de 1992, tendo empatado 1-1. Tavares deu vantagem ao Boavista FC aos 85 minutos, mas Spassov não deixou o FC Paços de Ferreira sem pontos e estabeleceu a igualdade em cima do apito final.

No Estádio Capital do Móvel, e a contar para a Primeira Liga, registam-se cinco vitórias para o Paços, oito para os axadrezados e três empates.

AS EQUIPAS

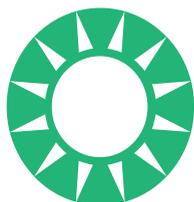
Sob o comando do mister César Peixoto, que chegou em dezembro, o FC Paços de Ferreira tem duas vitórias (Tondela e Santa Clara), um empate (Famalicão) e uma derrota (Benfica).

Nos últimos três jogos da Liga Portugal Bwin, os axadrezados somaram três pontos, fruto de três empates a uma bola (Vitória, Tondela e Gil Vicente).

OS TREINADORES

Este é o segundo jogo de César Peixoto na Mata Real, enquanto técnico pacense. É também a primeira vez que vai defrontar o Boavista FC.

Petit teve uma passagem pelo FC Paços de Ferreira, na temporada 2017/2018. Como treinador adversário, regista três vitórias, um empate e sete derrotas frente aos Castores.



SOLVERDE.PT



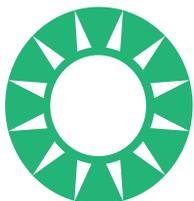
CONTINUAR EM CRESCIMENTO

Após a vitória no Estádio Capital do Móvel diante do CD Santa Clara (2-1), a fechar o ano de 2021, o FC Paços de Ferreira começou 2022 com duas deslocações – primeiro ao terreno do SL Benfica, depois à casa do FC Famalicão. Apesar da derrota na Luz (2-0), a exibição pacense foi muito consistente, mesmo em inferioridade numérica, e em nada abalou a equipa para o confronto seguinte. A abrir a segunda volta do campeonato, os Castores empataram a zero com o FC Famalicão, somando, assim, mais um ponto – um resultado que acabou por saber a pouco, mas que se ajusta, tendo em conta a superioridade de cada equipa em cada uma das partes e o equilíbrio de oportunidades que ambas tiveram no jogo. Neste encontro, quebrou-se também um enguiço que durava desde 1991, visto que, desde então, o conjunto da Capital do Móvel nunca conseguiu pontuar no estádio famalicense, nos cinco jogos que já tinham sido disputados para a Primeira Liga. E agora concluída mais uma semana de trabalho, que permitiu ao FC Paços de Ferreira continuar a crescer e a solidificar a sua ideia de jogo, segue-se a recepção ao Boavista FC, nesta 19ª jornada da Liga Portugal Bwin – com o claro desejo de voltar a triunfar.

Os axadrezados ocupam a décima posição da tabela e chegam à Mata Real em igualdade pontual (18) com os Castores. Registam três vitórias, nove empates e seis derrotas, sendo mesmo a equipa que mais igualdades tem na presente edição do principal escalão do futebol português. Contabilizam ainda 20 golos marcados e 28 golos sofridos.

No último fim de semana, os boavisteiros receberam o Gil Vicente FC numa partida que acabou com um golo para cada lado. Gaius Makouta abriu o marcador e colocou o Boavista FC em vantagem logo à passagem do minuto quatro, mas Samuel Lino chegaria àquele que foi o 1-1 final, aos 67'. Este foi, aliás, o resultado das três últimas jornadas das panteras negras – que também ainda não venceram fora do Estádio do Bessa, nesta temporada. O «onze» que Petit fez alinhar nessa partida era composto por: Rafael Bracali, Reggie Cannon, Jackson Porozo, Rodrigo Abascal, Nathan Santos, Sebastián Pérez, Gaius Makouta, Yanis Hamache, Gustavo Sauer, Petar Musa e Paul-Georges Ntep.

Do plantel do Boavista FC, o avançado croata Petar Musa e o avançado brasileiro Gustavo Sauer são os melhores marcadores no campeonato, com cinco e quatro golos respetivamente.



SOLVERDE.PT



DOS GRANDES SOU DO PAÇOS

Em cada adepto do FC Paços de Ferreira, habitam histórias que marcam e foram vividas de forma única e entusiasta. E é aqui nesta rubrica que agora são partilhadas. Hoje, Carlos Leal leva-nos até à inesquecível época de 2012/2013 – quando grandes passos foram dados rumo ao ponto mais alto da história do clube.

Podia destacar muitos jogos marcantes, desde aqueles que foram decisivos para a manutenção ou aqueles que se mostraram importantes para subidas de divisão, assim como jogos que nos “embalaram” para as nossas primeiras participações nas competições europeias...

Mas como só posso destacar um, vou escolher aquele mítico 1-0 ao Sporting na grande época do mister Paulo Fonseca ao leme do nosso grande Paços (2012/2013). Qualquer Pacense tem esse jogo bem vivo na memória. Foi esse o jogo que nos fez sonhar com algo até então impensável e que em muito contribuiu para que o Paços chegasse ao nível mais alto alguma vez alcançado – a presença numa edição da Champions League. Um feito digno de registo e que não está ao alcance de qualquer clube.

Retrocedendo ao jogo, eu questiono: qual é o Pacense que não se lembra daquele livre batido pelo Manuel José, sobrando a bola para o grande Tony (o verdadeiro jogador à Paços!), que, de cabeça, a empurra para o fundo das redes? Foi uma explosão de alegria!

Foi a partir desse momento que passei a acreditar que, afinal, a presença numa edição da Champions poderia não ser apenas um sonho, mas sim uma realidade. Algo que, felizmente, veio a concretizar-se, culminando na nossa participação, na época seguinte.



FIXPAÇOS
fixing solutions

QUAL O MELHOR GOLO QUE VIU AO VIVO?

O do Tony "Careca" ao Sporting, em 2013, no Estádio da Mata Real.



QUEM É PARA SI O MELHOR JOGADOR QUE VESTIU A CAMISOLA DO PAÇOS?

Diogo Jota.



QUE OBJETO DO PAÇOS GUARDA COM MAIS CARINHO?

Todos os cachecóis que fui adquirindo ao longo dos anos, pois vão contando a história do clube.



SE TIVESSE QUE ESCOLHER 5 JOGADORES DO PAÇOS PARA UMA FUTEBOLADA COM AMIGOS, QUEM LEVAVA?



QUERES CONTAR A TUA HISTÓRIA?

CONTACTA-NOS ATRAVÉS DO EMAIL: MARKETING@FCPF.TP



DEVESSA'
COMBUSTÍVEIS

PENSA RÁPIDO PEÇANHA



Em tempos, foi ele quem defendeu as redes pacenses; agora, é ele quem “comanda” os que atualmente defendem essas mesmas redes. O treinador dos nossos guardiões e antigo jogador do FC Paços de Ferreira – Peçanha, claro está – foi chamado a responder ao nosso quiz e não houve nada que escapasse. Será que sabes qual foi o seu maior falhanço na cozinha?

1. Se tivesses a oportunidade de conhecer uma pessoa, esteja ela viva ou não, quem escolherias?

Taffarel. Foi o meu ídolo, enquanto guarda-redes. Jogou na seleção, foi um ídolo do futebol brasileiro, e a coisa da qual me lembro mais é do Mundial de 94, em que o Brasil foi campeão e ele defendeu os penalties.

10. Qual é a tua primeira memória relacionada com o futebol?

Nessa altura ainda jogava futsal, mas do que eu mais me lembro

é de voltar do treino com o meu pai – que saía do trabalho e ia buscar-me de autocarro, já de noite. Nós não tínhamos carro, naquela época. E essa é uma memória boa minha – esse regresso a casa deitado no autocarro, no colo do meu pai, cansado. [Risos]

99. Qual foi o teu maior falhanço na cozinha?

[Risos] Foi a primeira vez que tentei fazer arroz. Queimei-o e não consegui fazer. Mas foi só a primeira vez, porque depois já consegui fazer um bom arroz. [Risos]

20. Qual é a música que tens ouvido mais vezes nos últimos dias?

Pé na Areia, do Diogo Nogueira.

13. Se tivesses a atenção do mundo todo durante 30 segundos, o que é que gostavas de dizer?

Essa é difícil... Mas diria para se importarem mais uns com os outros, que fossem um

pouco mais solidários, e que colocassem sempre os seus filhos à frente deles mesmos. Que nunca abduquemos da felicidade dos nossos filhos para a nossa em si.

50. Qual foi o maior castigo que os teus pais te deram quando eras criança?

Por acaso os meus pais não eram muito de dar castigos, mas eu lembro-me de ter de comer um prato de feijão, porque disse à minha mãe que queria mais e ela serviu. Só que acabei por não querer comer e ela disse “Não, agora só te levantas quando comeres tudo. Não estamos aqui para deitar comida fora”. [Risos] Lembro-me perfeitamente. E tive de comer.

4. Quem é a pessoa mais famosa de quem tens o contacto, no telemóvel?

Mais famosa? Tenho alguns. Por exemplo, o guarda-redes Júlio César, o treinador Vítor Pereira, o Bruno Alves, que é meu amigo... São os três.



FUTEBOL FEMININO: UNIÃO E CRESCIMENTO

Uma equipa construída do zero, com meninas que de bola no pé e sorriso no rosto vão reavivando uma história que começou por ser escrita em 1981. Um grupo unido, onde reina o crescimento, o incentivo, a entreatjada, e que todos os dias – seja no treino ou nos jogos – se esforça para defender o amarelo também no futebol feminino.

Desde outubro que há uma nova equipa com a cruz dos templários ao peito a fazer a bola rolar na Mata Real. Referência feita, claro está, à equipa de futebol feminino que milita no campeonato Sub-13 da AF Porto e que vai deixando orgulhosos aqueles que de perto a acompanham. Afinal, construir uma equipa de raiz não é tarefa fácil, mas, quando a entrega se sobrepõe a tudo o resto, os resultados não poderiam ser mais satisfatórios: “O balanço que eu faço é positivo. Muitas das atletas que aqui chegaram nunca tinham praticado futebol, ou seja, foi tudo novo. E já se notam bastantes progressos. É muito gratificante comparar o primeiro treino com o momento atual e perceber a evolução já conseguida, que é imensa, e ter a noção das dificuldades que, entretanto, foram superadas e de como se empenham para pôr em prática nos jogos aquilo que vão aprendendo nos treinos”. Beatriz Nunes é a treinadora, e o seu objetivo está bem definido: “formá-las como boas pessoas, como boas atletas, para que evoluam no futebol”, mas sem nunca esquecer que “o mais importante é que se sintam felizes a fazê-lo”.

Fazer regressar o futebol feminino à Mata Real era um desejo que já contava alguns anos, dado o crescimento de praticantes e de meninas interessadas em praticar a modalidade. Por alturas da confirmação de que esse regresso seria consumado, José Pinto, presidente do Departamento de Formação do FC Paços de Ferreira afirmou que era necessário “permitir que meninas que gostam de futebol e que gostam do Paços tenham a possibilidade e a alegria de poderem representar o clube”. E assim foi. Inês Neto e Érica Gonçalves são dois exemplos disso, vindas de contextos distintos.

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

16 FUTEBOL FEMININO

Inês, de Paços de Ferreira, nunca tinha feito parte de uma equipa de futebol, mas o “bichinho” pela modalidade foi algo que sempre a acompanhou: “O meu avô jogava no Paços, também já foi treinador, e eu comecei a jogar futebol assim do nada, para ver se gostava”. Fosse “a dar pontapés contra a parede” ou “a jogar na escola com amigos”, a agora atleta pacense alimentava a sua paixão. Não é, por isso, difícil de imaginar a alegria com que recebeu a notícia do início das captações. “Quando abriu a equipa feminina do Paços foi uma grande felicidade, porque soube que o meu sonho poderia concretizar-se – o de um dia ser jogadora de futebol”, conta. E a experiência não podia estar a ser melhor: “Isto é tudo uma novidade para mim, mas habituei-me facilmente às meninas, são muito amigáveis e é muito fácil conviver com elas, por isso está a ser uma experiência ótima”.

Por sua vez, Érica é de Marco de Canaveses e é uma das duas atletas do grupo atual que já praticava futebol antes de chegar à Mata Real. “Acho que trago isto comigo desde que nasci. Sempre tive uma paixão pela bola e sempre quis

jogar. Comecei a fazê-lo nos Açores, num clube muito pequeno, depois vim para o continente e depoimentrei no Marco 09, e, passados dois anos, tive a oportunidade de vir para aqui. Fiz as captações e consegui entrar”, recorda. E, tal como acontece com Inês, tudo parece correr da melhor maneira: “Fazer parte disto é muito bom. Esta já é uma equipa mais desenvolvida do que aquela onde eu estava, e a experiência está a ser fantástica. Além disso, as minhas colegas são muito boas comigo, damo-nos muito bem. Mal cheguei e parecia que já nós conhecíamos”.

Esta união é, aliás, uma das bandeiras do grupo evidenciada pela treinadora: “Elas ajudam-se muito e estão sempre a puxar umas pelas outras. As meninas que vão chegando são logo muito bem integradas, e em cada treino há sempre uma pessoa nova que vem, porque viu nas redes sociais, gosta de futebol e quer experimentar”. E ainda que nem todas possam ser inscritas na competição, devido à idade, “quem quiser treinar será sempre bem-vinda ao grupo”.



ALFREDO CORREIA

ALFREDOCORREIA.PT

Com quatro jogos realizados desde o início do campeonato, a equipa feminina do FC Paços de Ferreira vai-se fortalecendo à medida que passa cada um deles. “Em comparação ao início da época, acho que todas já aprenderam muito e isso já se nota nos jogos”, afirma Érica. No último sábado, na Mata Real, venceram o Valadares Gaia FC – equipa já com tradição no futebol feminino e que as tinha derrotado na jornada inaugural. “Um das meninas até chorou, após marcar. No final do jogo a treinadora do Valadares veio falar connosco para nos dar os parabéns, pelo crescimento da equipa neste curto espaço de tempo, e isso é um motivo de orgulho e um incentivo”, acrescenta Beatriz Nunes.

“Durante os treinos, tenho sempre a preocupação de avisá-las de que estamos num campeonato com equipas que já têm futebol feminino há mais tempo do que nós, e que o mais importante é divertirem-se nos jogos, fazerem aquilo que gostam. Se o fizerem e defenderem o seu clube, está feito o mais importante. Depois, com o tempo, o que aprendem nos treinos vão aplicando nos jogos e tudo flui”, reforça a treinadora. Enquanto isso, todos os elementos do grupo mostram-se empenhados, trocam sugestões, procuram saber mais e, mesmo nos jogos, são interventivos de maneira a conseguirem sempre o melhor. E como diz Inês Neto, “as derrotas servem como uma aprendizagem e as vitórias permitem ver de que forma estão a ser alcançados os objetivos e como está a ser a evolução”. E, com este espírito, saem sempre a ganhar.

Para quem quiser juntar-se à família, os treinos de futebol feminino realizam-se às terças (19h45 - 21h00) e às sextas (19h00 - 20h00).

Quantinhos!

**COMBATE O
FRIO COM OS
NOVOS
CACHECÓIS
FCPF**

12,5€

À VENDA NA LOJA DO CASTOR E
EM WWW.FCPF.PT/LOJA

18 FAMILICÃO 0-0 PAÇOS



CUMPRIDO O CASTIGO FRENTE AO BENFICA, LUIZ CARLOS REGRESSOU AO ONZE TITULAR.



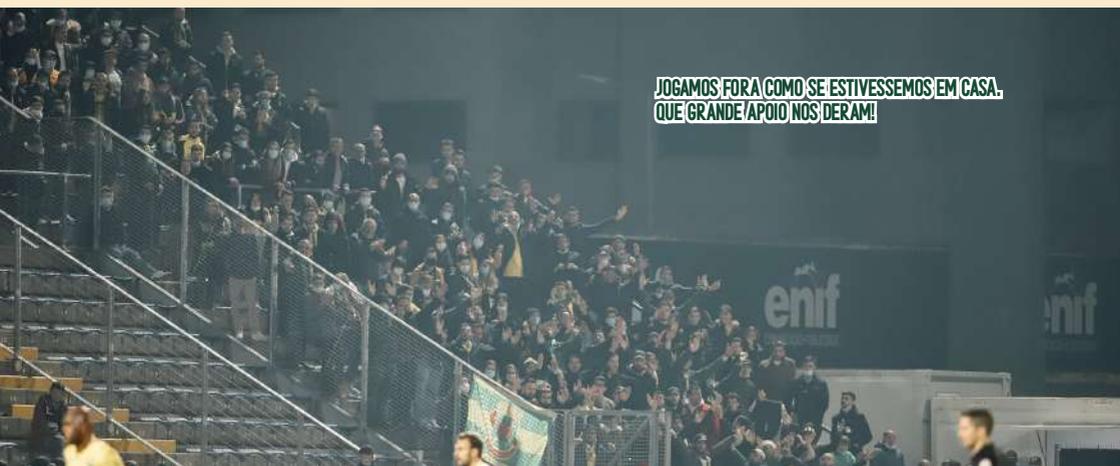
MATCHOI ENTROU NOS ÚLTIMOS MINUTOS PARA TENTAR AJUDAR A EQUIPA A MARCAR, MAS O RESULTADO NÃO SE ALTEROU.



DEPOIS DA BOA EXIBIÇÃO NA LUZ, DIABY VOLTOU A ENTRAR E A AJUDAR A EQUIPA NA LUTA PELOS 3 PONTOS.



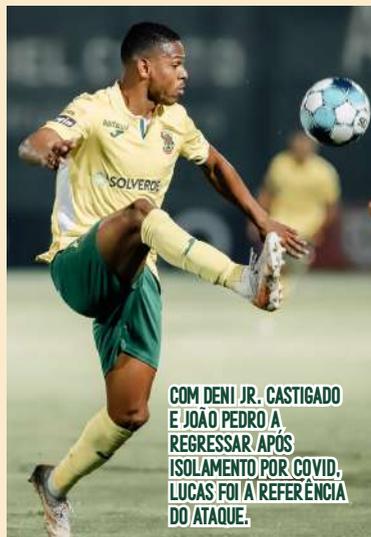
AO 4.º JOGO, CÉSAR PEIXOTO VIU O PAÇOS SOMAR O 7.º PONTO.



JOGAMOS FORA COMO SE ESTIVÉSSEMOS EM CASA, QUE GRANDE APOIO NOS DERAM!



DOS PÉS DE ZÉ UILTON NASCERAM AS MELHORES OPORTUNIDADES DA NOSSA EQUIPA NESTE ENCONTRO.



COM DENI JR., CASTIGADO E JOÃO PEDRO A REGRESSAR APÓS ISOLAMENTO POR COVID, LUCAS FOI A REFERÊNCIA DO ATAQUE.



ANDRÉ FERREIRA FOI A FIGURA DO JOGO, MANTENDO A BALIZA AZEROS. OS ADEPTOS PAÇENSES RECONHECERAM A GRANDE EXIBIÇÃO E ELEGERAM O GUARDA-REDES COMO O MVP DESTA JOGO.



MARACÁS ESTEVE MAIS UMA VEZ FORTE NO JOGO AÉREO.



PaçoPrint
A sua marca
gráfica